

Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



Versos de gente da praia

São velhas notas a lápis que eu tomei há muito tempo, na praia de Marataizes, no Espírito Santo. São letras de Divino e de jongo, e também tôda uma história em versos de um mineiro. Anotei o nome de um cantador, Benedito Calunga, e de outro, Antônio Duarte.

Letra de jongo não tem rima, são dois ou três versos contando uma coisa simples, mais lacônicos do que um hai-kai. "A meia-noite Vitorino deu um berro; vaca danada rebentou portão de ferro". "Defunto depois de morto não pode enjeitar caixão". "Tubarão é peixe grande, engasgou com lambari". "Ai, não acompanha marinheiro, tôda vida anda no mar". "E' bonito o meu vapor andar lá no mar, meu vapor andar". "Que fumaça aquela que vem lá, fazendo as pedras chorar". "Eu quero ver meu pião rodar, jongueiro novo de Maria Sarará". "Lá na beira do rio tem casa. Não tem morador, mas tem casa". "Se é negro eu tiro o couro, se é mulato

eu tiro a casaca". "Alumeia meu caminho, estrêla d'alva, meu caminho, estrêla d'alva, meu caminho". "Passarinho do céu caiu no mar". "O tatu tá cavucando a sepultura de seu pai". "Lambari tá pelejando pra subir na correnteza".

A letra do Divino é tôda em quadras. "E' chegado o Deus da Glória — Sagrado Divino — Salvando todos que estava — Mulher e homens, meninos". "Procurando pelo mundo, andando de mão em mão, o Divino Espírito Santo com seus nobre folião". "Quem não gostar de meu Deus, o que nós havemos de fazer? Êste mundo não é nada, o outro é quando morrer". "Anda correndo êste mundo em atrás de um passarinho, em cima de seu bastão, aonde foi fazer seu ninho". "Filho, fica sabendo que êste Deus é soberano, vem fazer sua festa em todo princípio de ano". "O nosso Sebastião Marvila toma conta da bandeira; passa a mão no resplendor, correndo esta praia inteira".

A história do mineiro é um verdadeiro romance, começando assim: "Eu passei numa cidade, cidade de zombaria, palácio de três andar, casa com três moradia". "Cheguei na casa de um velho sem saber o que dizia, passava de meia-noite, cheguei salvando bom-dia — Aqui chegou um mineiro pra casar com sua fia".

O velho tinha duas filhas, mas para desgraça do mineiro, "uma dizia que não, e a outra que não queria". Além disso a velha, mãe das moças, chegou "de cara enfarruscada" dizendo que suas filhas "não estão perdidas nem estão desacreditadas pra se casar com um mineiro que vêve pelas estrada".

O mineiro assustou-se: "fui panhando o meu chapéu e descendo pela escada", mas viu lá em cima que "tava o velho na janela assobiando a cachorrada". E êle saiu correndo e gritando "arreda aí, minha gente, deixa o mineiro ir rompendo". Passou a porteira correndo, pulou em cima de seu burro pêlo de rato, e sua fuga não tem fim: "Travessei mar sem canoa, passei rio sem navio, para ver se alcançava aonde nunca eu poudo ir. Minha faca na cintura, minha garrucha laporte, pois quem viu o que eu vi está contando com a morte".

Mas a verdade é que nós, da praia, não desprezamos os mineiros como êsses versos parecem indicar. Vejam o comentário final da história: "Não me maltrate o mineiro, que mineiro é gente boa: de mineiro eu quero as pernas, para remo de canoa".

R. B.

Esporas...

VARGAS NETTO

*Esporas que beliscam mil caminhos!
Rosas de ferro que cantaram nos destinos...
E as prateadas chilenas domingueiras
que nas canchas luziram entre as chinas
e encantaram mocitas fazendeiras.*

*Tuas rosetas de metal cortante,
— espora da campereada e da milícia —
foram respeito para um flete arisco,
foram impulso na arrancada louca
das farroupilhas com a lança em riste!...*

*Nesses momentos de desfecho incerto
na encruzilhada da morte e da vitória,
tu fôste a garra de ferro dos guerreiros,
que levavam o rumo das espadas
e o sorriso das horas derradeiras...*

*Mas nas horas de glória dos fandangos
quantas vêzes ciscaste nos terreiros,
no compasso pachola das cordeonas,
costurando no rasto das chinocas
que levavam corpitos milongueiros...*

